



# Dar uma resposta classista ao problema da violência nas escolas

O assassinato a facadas da professora Elisabeth Tenreiro, de 71 anos, numa escola da região da Vila Sônia, Zona Oeste de São Paulo, tem provocado uma onda de indignação. Houve outras vítimas na ocasião, com ferimentos. Outros relatos começam a se multiplicar, nas redes sociais e noticiários da imprensa, quanto a situações semelhantes, potencialmente perigosas, em várias escolas. Constituiu-se um pânico social, sustentado por dados reais.

Só ontem, terça-feira, pelo menos três casos chamaram a atenção: um aluno tentou entrar armado numa escola em Santo André, região do ABC Paulista – foi constatado depois que o objeto era um simulacro (arma falsa); em Itaquaquecetuba, região metropolitana de São Paulo, um homem ameaçou alunos e gerou uma confusão em frente a outra escola; um aluno foi detido por policiais militares, em São Bernardo do Campo, por estar portando um punhal. As três escolas eram da rede estadual.

A violência tem aumentado de forma generalizada. Os trabalhadores precisam ir além do choque, têm de indagar sobre os motivadores do fato - mesmo porque há o risco de repetição da tragédia. Telma Vinha, pesquisadora do tema da violência nas escolas, chegou a afirmar, em entrevista ao Estadão: “vai acontecer de novo, só não se sabe onde”.

A simples repetição do fenômeno, com a ocorrência de casos fora e dentro do nosso país, é uma prova da existência de raízes mais profundas. Aqui, no Brasil, as estatísticas de ataques em escolas remontam principalmente aos Anos 2.000, se intensificando recentemente. O caso da escola em Suzano/SP e a do Realengo/RJ, entre outros, tornaram-se em-

blemáticos. Nos EUA, os episódios são frequentes, tendo ficado famoso o massacre de Columbine.

Os conflitos são cotidianos, muitos deles graves. As omissões do governo são frequentes. As medidas preventivas adotadas pelos órgãos responsáveis se mostram inócuas, a exemplo da Placon (Plataforma Conviva), que claramente não serviu para impedir a tragédia com a professora Elisabeth, nem servirá para impedir outras.

Os governos, representantes do Estado, a mídia, os sindicatos, partidos e outros procuram formular suas hipóteses, explicações e medidas práticas. Não se trata aqui de esmiuçar cada resposta e seus respectivos interesses, eficácia etc. A questão é que, a depender da resposta que prevalecer, os explorados podem acabar sofrendo mais impactos negativos, com a aprovação de medidas desfavoráveis.

A Corrente Proletária na Educação/POR defende que é necessário estar alerta! Devemos responder ao problema da violência com a força da mobilização dos explorados de conjunto, ligando as bandeiras de defesa da vida da maioria, com a luta para eliminar a raiz de toda violência, que se encontra no capitalismo apodrecido. O problema da violência é uma manifestação da falência do ensino, combinada com a violência em geral, com a miséria e outros fatores.

De um lado, é através das escolas que uma parcela da juventude, mais golpeada pela crise econômica, tem podido acessar a determinados direitos, como a merenda escolar. Porém, tem prevalecido uma função de confinamento da juventude. O ensino de tem tempo integral só acentuou esse problema. O es-

tudante fica mais tempo na mesma escola falida e sucateada de sempre.

A escola não é uma bolha, a violência que cresce na sociedade, devido à crise do capitalismo, penetra no seio da escola, inevitavelmente. A podridão está por todo lado, a crise escancara as contradições, a guerra destrói nações inteiras, orçamentos monumentais são colocados à serviço das tendências bélicas da época do imperialismo etc.

Explicar o fenômeno exige encontrar seus fatores, conhecer seus pesos específicos, suas ligações recíprocas, identificar os elementos fundamentais, os que subordinam os demais, separar o que é conjuntural-superficial do que é estrutural-histórico. Diferentes níveis de fatores costumam interagir: razões individuais, causas específicas da escola e gerais da Educação; motivações sociais; elementos político-ideológicos e os fatores históricos. Como se vê, ir além do sensacionalismo exige explicar um fenômeno complexo, sem perder de vista os próprios interesses de classe.

A grande mídia, via de regra, tem dado maior ênfase ao problema individual, psicológico, ao problema do bullying. A individualização do problema implica ignorar todos os outros fatores. Os governos vão dos pêsames hipócritas ao oportunismo político. Os Secretários de Educação e Segurança “lamentaram a morte” e fizeram demagogia em cima da docente, chamando-a de “Heroína”.

O ocorrido tem servido de brecha para discursos inflamados, principalmente da direita/ultradireita, com destaque para a defesa da “segurança”, dando ensejo a propostas esdrúxulas, a exemplo do armamento dos trabalhadores da Educação, como suposta medida preventiva. O caos tem sido aproveitado também como justificativa para propostas de recrudescimento das medidas repressivas, que só fortalecem o controle e a militarização das escolas.

A repressão é uma preocupação permanente da burguesia e de seu Estado. Em momentos de crise, como o que vivemos, essa

tendência ganha força. O Estado é uma ferramenta de opressão social, mesmo em suas formas disfarçadas, como é o chamado “Estado Democrático de Direito”. Trata-se de um instrumento da ditadura de classe da minoria exploradora, contra a maioria explorada. Um instrumento que é aperfeiçoado e adquire mais peso conforme se inicia a ebulição das massas.

E são vários os exemplos de combatividade das massas que assombram a classe dominante. As greves e manifestações massivas na França são a expressão atual mais vívida. No Brasil, os atos contra o “Novo Ensino Médio” certamente preocupam a burguesia. Não foi completamente dissipado o receio das ocupações de escolas, tal como ocorreu em 2015-16. A burguesia sabe muito bem que as crises podem desencadear a ira popular.

Aumentar a presença da polícia dentro das escolas não é a solução! Repudiamos o oportunismo de políticos reacionários e governos, que estão usando a brecha de acordo com seus interesses. Exigimos que os governos atendam às reivindicações dos trabalhadores em Educação: por um único sistema de ensino público, gratuito, laico, vinculado à produção social, para todos e em todos os níveis, sob controle de quem estuda e trabalha. As famílias precisam de emprego, direitos, salário, enfim, precisam de condições dignas de existência.

***É muito importante que a vanguarda com consciência de classe combata os argumentos reacionários e as falsas soluções da burguesia, verdadeiras armadilhas contra os explorados. Os sindicatos devem realizar um amplo chamado para a manifestação marcada para hoje, 29/3, às 14h, em frente à Secretaria da Educação, na Praça da República. Sem um ato forte e massivo, o governo burguês de Tarcísio/Feder imporá as medidas que julgar mais convenientes: mais repressão, terceirização e privatização. Não! Precisamos dar uma resposta classista ao problema da violência nas escolas!***

## **Escute o Massas,** podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

**anchor.fm/por-massas**

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO**

